

São Paulo 2016
© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01
05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil
Tel.: (11) 3091.3327
e-mail: pgeha@usp.br - www.usp.br/pgeha
Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Lourival Gomes Machado do
Museu de Arte Contemporânea da USP

Congresso Internacional de Estética e História da Arte (10., 2016, São Paulo) .
Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate / organização Cristina Freire. São Paulo
: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.
374 p. ; il.
ISBN 978-85-7229-074-6
I. Estética (Arte). 2. História da Arte. 3. Arquivos de Arte. I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação
em Estética e História de Arte. II. Freire, Cristina.
CDD – 701.17

Fotografia capa: Fernando Piola

*Tradução dos textos de Ticio Escobar, Sebastián Vidal Valenzuela, Fernando Davis,
Daniella Carvalho e Claudia Rojas:* Maria Cristina Caponero

Revisão de textos: André Henriques Fernandes Oliveira

Produção editorial: Águida Furtado Vieira Mantegna, Paulo Cesar Lisboa Marquezini e Sara Vieira Valbon

Organização: Cristina Freire

Publicação do X Congresso Internacional de Estética e História da Arte - Escrita da história e (re)construção
das memórias : arte e arquivos em debate, realizado nos dias 24 a 27 de outubro de 2016 no Museu de Arte
Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em
Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

11 **À guisa de**
O museu
Cristina Freire

ARTE IN

19 **Arte ind**
Ticio Escobar

MODOS

41 **Corpo r**
João A. F.

53 **“É a mi**
Lygia Cl
Maria de

61 **Quando**
Vera Pal

ARQUIT

69 **Tous les**
experim
Sebastián

A VISÃO DE UM AMERICANO A RESPEITO DO SISTEMA DAS ARTES NO BRASIL NOS ANOS 1940: RELATOS DE LINCOLN KIRSTEIN A NELSON ROCKEFELLER E ALFRED BARR JR.

DANIELLE MISURA NASTARI¹
DAISY VALLE MACHADO PECCININI²

A década de 1940 foi uma época de grandes transformações internacionais. No ambiente artístico brasileiro não foi diferente; sob a ditadura do Estado Novo até 1945, período no qual o governo adotou o realismo social como linguagem artística oficial, o país viu florescer a abstração e testemunhou a fundação de dois museus de Arte Moderna no final do decênio. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, principalmente durante os anos de 1940 a 1943, os Estados Unidos se aproximaram do Brasil por motivos estratégicos, visando a adesão do país ao bloco dos aliados. Era crucial o uso do território brasileiro mais a leste, sobre o Atlântico, como base para os *raids* aéreos no cenário da guerra ao norte da África. Nesse contexto, Lincoln Kirstein veio ao Brasil duas vezes, em 1941 e 1942; as viagens tiveram propósitos distintos, mas ambas seguiram as diretrizes da política da boa vizinhança.

Escritor, *connoisseur* de arte e produtor cultural, Kirstein era um homem extremamente culto e de olhar adestrado³. Em 1942, foi enviado à América do Sul por Nelson Rockefeller, na posição de consultor de latino-americana do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), para adquirir obras para a instituição. Entretanto, em junho de 1941, esteve no país dirigindo a turnê sul-americana da American Ballet Caravan. A itinerância da companhia de dança pelo Rio de Janeiro e São Paulo é mais um capítulo das ações da política da boa vizinhança, iniciada por Franklin Delano Roosevelt, em 1933. O mandatário americano atribuiu a Nelson Rockefeller o papel

1. **Danielle Misura Nastari**. Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).
2. **Daisy Valle Machado Peccinini**. Professora livre-docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).
3. Fundou a *Harvard Society for Contemporary Art*, primeira associação universitária dedicada à arte moderna nos Estados Unidos, frequentando os círculos de figuras como Dhiagilev, Roger Fry e T.S.Eliot.

central do desenvolvimento dessa política na América Latina. Nelson ocupava o cargo estratégico de Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, estando também profundamente vinculado ao sistema das artes nos Estados Unidos, em razão de raízes familiares – sua mãe foi uma das fundadoras do MoMA, instituição que ele presidiu de maio de 1939 até assumir o cargo no governo federal, em agosto de 1940.

Em sua segunda vinda ao Brasil, em viagem de quatro semanas, Kirstein teve por objetivo garimpar obras que representassem a arte moderna no país: fora isso, deveria sondar o posicionamento político da elite brasileira em relação à Alemanha e os Estados Unidos. Visitou as cidades que formavam o eixo cultural e artístico do país: Rio de Janeiro e São Paulo. As cartas, quase diárias, são de extremo valor para o resgate do cenário histórico e artístico de ambas as cidades no início dos anos 1940. Depoimentos surpreendentes, elas compreendem descrições do ambiente artístico desses locais, bem como de ateliês e perfis psicológicos de artistas. Os relatos, vindos de um olhar forasteiro, são preciosos por explicitar linhas fortes, difíceis de serem percebidas por aqueles que estão inseridos no ambiente local.

A seguir, serão comentados trechos de cartas de Kirstein a Alfred Barr Jr., então diretor do MoMA, e Nelson Rockefeller, cujos conteúdos são ricos e expressivos em relação às artes visuais. Busca-se com isso oferecer elementos para a constituição de uma reflexão mais aprofundada desse momento histórico, já bastante investigado por diversos historiadores brasileiros de relevo e ao qual se agrega essa voz latino-americana. Destaca-se o interesse por essas fontes documentais porque os Estados Unidos eram geralmente excluídos das nossas relações culturais nesse período, em que o contato com a França era mais próximo. A hegemonia francesa é amenizada pela Segunda Guerra, que permite maior circulação da cultura americana no Brasil.

As cartas selecionadas foram organizadas cronologicamente, decisão tomada com o intuito de elaborar um roteiro, que evidenciasse as experiências e percepções de Kirstein no Brasil. Desde a viagem de 1941, esse olhar observador estava presente. Por conta disso, seus relatos em relação ao ambiente artístico do Brasil, em 1942, devem ser considerados como um desdobramento de sua primeira vinda ao país.

Kirstein tinha as credenciais de um olhar criterioso e adestrado, capaz de refletir criticamente sobre nossa produção artística. Proveniente da elite abastada e instruída da costa leste americana, repleta de colecionadores, patronesses e patronos de museus de arte, era muito culto e de repertório cultural extenso. Homem de atividades e práticas literárias, Kirstein utilizava palavras com muita sofisticação e precisão. Observa-se que o material analisado neste estudo é resultado de um olhar atento, enviado ao Brasil para colher impressões do ambiente local. Deve-se também levar em consideração seu usual estilo sarcástico, de zombaria, empregado habitualmente com amigos – caso de ambos os destinatários das cartas aqui expostas.

Em relato a Nelson Rockefeller em junho de 1941, Kirstein narra um breve panorama do que havia visto até então durante sua estada no Rio de Janeiro:

Cá entre nós – esse não é um lugar muito esperançoso. Culpe o clima que é melhor (pior) do que o da Califórnia. Eles não têm energia nem engenhosidade e estão em um estado de esnobismo primitivo, colonial e provinciano que incapacita qualquer desenvolvimento social ou econômico rápido. Vargas é inquestionavelmente capacitado. Mas ele está rodeado de tal bando de burocratas medíocres, cômicos de prestígio, que é extraordinário para mim que as coisas sigam bem. Aqui vai um exemplo. Eu trouxe um caixote de discos de alumínio-acetato para gravar música popular, dados por Archie [Archibald MacLeish, diretor da Biblioteca do Congresso]. Bem – a entrada não foi permitida já que [os discos] não eram nem equipamento teatral nem bagagem pessoal. Nós não pudemos tirá-los do píer. Eu fui à nossa embaixada, que me enviou ao GIP⁴ [sic, DIP em português] (e fraude é a palavra) Departamento para Ingressos e Propaganda [sic]. Lá nós tínhamos cartas para o Dirigente do Rádio, do Turismo, da Boa Vontade e só o diabo sabe para quem mais. Finalmente, obtivemos uma ordem-mandato assinada pelo próprio Getúlio Vargas – para a liberação de 200 discos virgens. Acredite ou não. [...] Na verdade, se você quer realmente fazer algo pelo Brasil – em relação às artes – leve todo brasileiro talentoso para fora do país por um período tão longo quanto possível. Depois de algum tempo, deixe-os voltarem. Então eles podem fertilizar o país com o que tiverem visto. Mas agora o gosto e o talento são fracos e puramente derivados. O clima inclina ao relaxamento permanente e à apatia. Na maioria das vezes, à apatia. A censura é muito rígida. Há pouquíssima crítica, construtiva ou de qualquer outro tipo. Portinari está sendo arruinado por uma combinação de patronato excessivo e falta de conteúdo crítico – ele é o único pintor aqui. As pessoas verdadeiramente inteligentes, e eu conheci muitas – estão muito infelizes. Todas elas querem sair. Não se pode culpá-las.

A descrição da extrema burocracia encontrada por Kirstein já na chegada ao país explicita as estruturas atrasadas que dominavam a capital federal brasileira no início dos anos 1940. Essa análise é reforçada pelas observações sobre a influência do clima no comportamento da população e sobre a falta de referências artísticas estrangeiras que pudessem servir de

⁴ A palavra gyp significa, na língua inglesa, fraude, engano ou trapaça.

para a
questão
tensão,
por ser
entidos
rios. O
ce nos
cidade,
posições
ectivos
e, escri-
posições
nentos.
ido efí-
mento
mento
ha. En-
pesqui-
órica e

o Freire
C USP e
HA USP)

parâmetro comparativo para a produção nacional, definindo mais firmemente critérios de qualidade. O ambiente muito opressivo da ditadura também é percebido, e seus efeitos sociais negativos são claramente notados.⁵ (grifos do autor, tradução nossa)

Lincoln registrou em detalhes suas incursões para a aquisição de obras. Esses textos explicitam como Lincoln conduziu o contato com os artistas, algumas vezes não se comportando apenas como um comprador, mas envolvendo-se com eles. Além da aquisição de obras, Kirstein também recebeu a tarefa de escrever um texto sobre a história da arte latino-americana para o catálogo da mostra realizada pelo MAM, em 1943, na qual seria exibido seu novo acervo. Em seus esforços para compreender o ambiente artístico brasileiro, ele teceu algumas considerações a Alfred Barr Jr.:

Estou agora preparado para escrever uma história da pintura no Rio, que eu conheço tão bem como costumava conhecer a escola sienesa entre 1150 e 1402 nos antigos cursos do [professor de Harvard George] Edgell. Porém não é tão interessante. Eu já sei como e porque. Aqui vão algumas opiniões [...] 1. Não há pintura de verdade, pois as autodenominadas classes instruídas são ainda compostas pelos filhos dos donos de terras, que sentem que trabalhar não é algo digno. Então se eles pintam (por acaso) eles também fazem outras quatro ou cinco coisas como paisagismo, transportar camarões ou voar. Eles creem no sistema inspiracional. Não é agradável fazer trabalhos manuais, por exemplo: carvão [para desenho] é horrível na pele bem cuidada. Portinari é um gênio, pois é filho de um camponês italiano e trabalha todos os dias. 2. Eles nunca viram nenhuma boa obra, não têm qualquer critério de gosto e qualquer indivíduo que pinte aqui tem grande talento – ou se ele teve uma exposição no lobby do Palace Hotel é um grande pintor ou um grande gênio brasileiro. O que há de bom aqui está sempre tendendo ao pict. A pintura tem o valor associado ao seu tema. Uma paisagem na qual fizemos um piquenique ou o rosto do pai. Naturezas-mortas são para se jantar cordeiros, mas via de regra não são assim tão comestíveis. 3. O bom trabalho enquadra-se somente em duas categorias: pessoas que tiveram contato com a Europa e os primitivos. Há quase nenhum trabalho nativo como o dos primitivos, exceto por temas locais serem a costumeira escola

5. KIRSTEIN, L. [Carta] 26 jun. 1941, Rio de Janeiro [para] ROCKEFELLER, N., Washington, DC.

de Janis, do encanto da precisão e do frescor idiótico (no bom sentido), ou melhor, infantil. Sou totalmente a favor deles, mas gosto de brincar com adultos também. Os artistas conscientes não são apadrinhados. Eles ensinam boas crianças ou são burocratas menores. Creio que tudo é muito melhor em São Paulo.⁶ (grifos do autor, tradução nossa)

A organização da sociedade e a cultura da classe dominante brasileira de 1942 seriam certamente compreendidas como atrasadas e não produtivas por um americano membro da classe dominante estadunidense, erigida sobre a ética protestante do empreendedorismo e trabalho árduo. A percepção da falta de referências externas para a formação do gosto local, afetando a qualidade e a maturidade da produção artística nacional foi reforçada, e a preferência pela empreendedora São Paulo se faz clara.

A intensa temporada de Kirstein na capital paulista durou apenas uma semana. Tendo como anfitrião o vice-cônsul americano John Hubner, homem misterioso e informado, que mantinha polícia secreta própria, Lincoln foi posto a par das questões políticas enquanto explorou a cena artística local, auxiliado por Paulo Rossi Osir. A visita, entretanto, foi conflituosa. Kirstein envolveu-se em um confronto com Oswald de Andrade, que repercutiu no consulado americano e muito provavelmente impediu que tivesse acesso a todos os artistas paulistas:

Minha compra de obras me envolveu em uma disputa com Oswald de Andrade, um escritor bem conhecido, comunista e um líder da revolução de 1932. Seu filho é um pintor inferior. Eu não comprei nenhum dos trabalhos desse homem. Andrade procurou apresentar uma queixa contra mim no Consulado, para instigar uma petição assinada por outros artistas, e ameaçou atirar em mim de imediato. Expliquei a situação ao vice-cônsul, me desculpando pelo problema que causara. Ele não se importou muito, dizendo que Oswald de Andrade era bem conhecido como mau poeta e mau atirador. O incidente causou alguns comentários locais subsequentes, mas terminou sem mais problemas.⁷ (tradução nossa)

Kirstein percebeu claramente as diferenças dos ambientes artísticos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Após deixar o Rio de Janeiro e já em Buenos Aires, Kirstein envia a Alfred Barr Jr. um último relato a respeito da capital federal brasileira:

KIRSTEIN, L. [Carta] 1 jun. 1942, Rio de Janeiro [para] BARR, A., Nova York. 3f.

KIRSTEIN, L. Memorandum of Trips to Latin America Illustrating Previously Stated Political Conclusions, May-October, 1941-1942, RAC, Series III, 4L, Box 101, Folder 966, p. 8. Este documento difere dos outros apresentados por ser um relatório entregue ao governo americano, escrito em tom sóbrio e formal.

para a
questão
ensão,
por ser
entidos
ilos. O
ce nas
idade,
isções
activas
, escri-
isções
rentos.
do efí-
mento
mento
io. En-
resqui-
rica e

Freire
: USP e
(A USP)

A academia no Rio é pior que a Escola de Bonn. Há pouco na tradição da cultura portuguesa que inspire as artes plásticas ou visuais. A exceção são, é claro, as magníficas igrejas barrocas na Bahia e a escultura de Minas Gerais. Mas isso não é nada local. O Palácio de Belas Artes [sic] é uma desgraça. Há algumas pequenas pinturas francesas documentais bem bonitas de um homem chamado Taunay, que veio em uma missão francesa em cerca de 1820. Mas elas estão em condição terrível e ninguém cuida delas. O resto do que está exposto, que todo mundo olha, são prêmios de salão, axilas marrons e partes íntimas femininas abandonadas. Me pergunto quem costumava comprar pinturas de salão. Brasileiros. Não sou uma boa pessoa para julgar pois odiei tudo, então – mas me parece que há de pouca a nenhuma esperança para o país. [...] Não há colecionadores particulares.⁸ (grifos do autor, tradução nossa)

A narrativa acima expõe a força que o academicismo e os salões de arte acadêmica ainda tinham no Rio de Janeiro, observando a falta de cuidado na conservação dos acervos museológicos. A inexistência de colecionadores denota a ausência de um mercado de arte e de um sistema das artes. Nesse período, o ambiente artístico brasileiro ainda estava em estruturação, sendo o primeiro grande museu de arte estrangeira, o Museu de Arte de São Paulo, fundado em 1947, e os primeiros museus de arte moderna, em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 1948.

Portanto, os relatos de Lincoln Kirstein expõem o marasmo na sociedade local, evidenciando a origem oligárquica das classes instruídas e da elite socioeconômica, não havendo colecionadores e nem estímulo aos artistas; não se viam obras estrangeiras e a academia de arte ainda tinha papel importante. Esses relatos pragmáticos, pontuados de ironia, apresentam uma leitura crua, desconfortável, porém interessante e necessária, do Brasil e seu cenário artístico no início dos anos 1940.

REFERÊNCIAS

- DUBERMANN, Martin. *The worlds of Lincoln Kirstein*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2007.
- KANTOR, Sybil Gordon. *Alfred H. Barr, Jr. and the intellectual origins of the Museum of Modern Art*. Cambridge: The MIT Press, 2002.
- KIRSTEIN, L. [Carta] 26 jun. 1941, Rio de Janeiro [para] ROCKEFELLER, N., Washington, D.C. Folder 965, Box 100, Series III 4L, Kirstein, Lincoln 1932-1966, Nelson Rockefeller Personal Projects, Nelson A. Rockefeller Personal Papers, Rockefeller Archive Center. *Describe here*

8. KIRSTEIN, L. [Carta] 20 jul. 1942, Buenos Aires [para] BARR, A., Nova York. 3f.

o ambiente político no Rio de Janeiro e a ineficiência dos burocratas, tratando da situação das artes no país.

_____. [Carta] 01 jun. 1942, Rio de Janeiro [para] BARR, A., Nova York. 3f. Lincoln Kirstein Collection, Series I, Folder A, Museum of Modern Art Archives. New York. Descreve o que aprendeu sobre as dinâmicas do ambiente artístico brasileiro.

_____. [Carta] 20 jul. 1942, Buenos Aires [para] BARR, A., Nova York. 3f. AHB [AAA2169:851]. MoMA Archives - NY. Descreve parte da estrutura do sistema das artes brasileiro.

_____. Memorandum of Trips to Latin America Illustrating Previously Stated Political Conclusions. May-October 1941-1942, RAC, Series III, 4L, Box 101, Folder 966, p. 8-9. Longo relatório descrevendo os ambientes político e cultural no Brasil.

REICH, Cary. **The life of Nelson A. Rockefeller**: worlds to conquer, 1908-1958. Nova York: Doubleday, 1996.

TOTA, Antonio Pedro. **O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

para a
questão
ensão,
por ser
entidos
rios. O
ce nas
idade,
posições
ectivas
a, escri-
posições
mentos.
ido etí-
mento
mento
ho. En-
pesqui-
órica e

a Freire
C USP e
3HA USP)